

## SOB O PONTO DE VISTA DA FLORESTA: UMA ENTREVISTA COM LÚCIA SÁ

André Corrêa de SÁ\*

■ **RESUMO:** Lúcia Sá é professora titular de Estudos Brasileiros na Universidade de Manchester (Reino Unido), tendo anteriormente ensinado na Universidade Stanford (Estados Unidos), Universidade Mackenzie (São Paulo) e Pontifícia Universidade Católica (São Paulo). Foi também professora visitante na Universidade de São Paulo, ENAH (México), Universidade de Lisboa (Portugal), New College of California e Oberlin College (Estados Unidos). É autora de *Life in the megalopolis: Mexico City and São Paulo* (Routledge, 2007) e de *Literaturas da floresta – textos amazônicos e cultura latino-americana* (Editora da UERJ, 2012, edição brasileira de *Rain Forest Literatures: Amazonian Texts and Latin American Culture*, University of Minnesota Press, 2004). Parte significativa do seu trabalho foca-se na produção cultural das tradições ameríndias da Floresta Amazônica e das planícies da América do Sul. *Literaturas da floresta – textos amazônicos e cultura latino-americana* ajuda-nos a compreender o modo como textos indígenas foram apropriados por escritores brasileiros e latino-americanos dos séculos XIX e XX, chamando a atenção para possibilidades de análise ainda pouco exploradas pela crítica literária e cultural.

Lúcia Sá concedeu esta entrevista à *Itinerários*, em 28 de maio de 2019, por videoconferência. Numa conversa que se estendeu por mais de duas horas, entre Manchester e Santa Bárbara, falou-se sobre as origens do seu interesse por literaturas indígenas e os seus projetos em torno de questões raciais, sobre políticas ambientais e sobre a importância do trabalho de artistas indígenas contemporâneos para se repensar as formas de habitação do mundo.

**ACS: Pode nos falar um pouco sobre o seu percurso acadêmico? Como surgiu esse seu interesse pelas literaturas da floresta? Em que momento é que a curiosidade deu lugar a uma investigação concreta?**

LS: Eu fiz a graduação e o mestrado na Universidade de São Paulo (USP), onde a minha formação em estudos literários foi excelente, sobretudo por causa da

---

\* University of California Santa Barbara. Department of Spanish and Portuguese – [acorreadesa@ucsb.edu](mailto:acorreadesa@ucsb.edu)

combinação da análise pontual – o *close reading* – com a análise política, que é o que a crítica marxista do Brasil tem a oferecer de melhor. Mas ninguém pode acusar a USP de estudar literaturas indígenas, sobretudo naquela época. Acontece que, no meu primeiro ano de teoria literária, quando eu tinha 19 anos, a professora Ligia Chiappini apresentou aos estudantes o romance *Quarup*, de Antônio Callado. Foi a partir daí que comecei a ter interesse pela questão indígena. Li *Maira* [romance de Darcy Ribeiro] nessa época. Inclusive foquei nesses dois livros no meu mestrado. Depois, como as coisas estavam ruins – foi a época do Collor –, acabei decidindo sair do Brasil para fazer doutorado na Universidade de Indiana, num programa de espanhol e português, mas também de literatura comparada. A minha ideia era desenvolver um estudo comparatista com literaturas indígenas no Brasil e na América hispânica. Chegando em Indiana, me dei conta que muitos dos professores de literatura comparada não compreendiam meu projeto, e achavam que eu deveria estar no Departamento de Folclore, mas eu me recusei a mudar, porque eu realmente queria usar as ferramentas dos estudos literários para analisar narrativas indígenas. Sair do Brasil foi importante. Se eu tivesse ficado na USP estudando as culturas indígenas, o meu trabalho certamente se restringiria a questões de representação, que é aquilo que eu fiz na dissertação de mestrado, mas sair do Brasil me permitiu pensar em outras coisas, em outras formas de ver.

**ACS: É possível dizer que a sua ida para os Estados Unidos foi importante para conceber o livro *Literatura da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana*? Foi o olhar distanciado que te levou a pensar no diálogo do Brasil com países vizinhos (Venezuela, Colômbia, Peru, Paraguai, Argentina e Uruguai), tal como vemos no livro?**

LS: Eu saí do Brasil pensando que seria mais fácil trabalhar com essa temática nos Estados Unidos do que seria no Brasil. Mas eu não tinha muita ideia de onde isto ia me levar. Houve essa possibilidade, trabalhando em um departamento de espanhol e português nos Estados Unidos, de me aproximar das culturas hispanoamericanas no plural. Eu acho que se eu tivesse ido para algum país da América hispânica o enfoque seria muito nacionalista, mas estar nos Estados Unidos me permitiu uma perspectiva mais comparatista. O meu interesse pelo estudo das questões indígenas no Brasil sempre foi em comparação com a América hispânica.

**ACS: O livro examina o impacto de textos indígenas na literatura produzida nos últimos 150 anos no Brasil e em países vizinhos. Que impacto é esse? Sua pesquisa seria diferente se fosse feita hoje?**

LS: Seria uma outra pesquisa, completamente diferente. O que está acontecendo agora no Brasil é o protagonismo dos indígenas. Apesar de terminar o livro falando

acerca do trabalho do Kaká Werá, na verdade, eu não entro na literatura indígena contemporânea porque não era algo de que se falasse na época [final dos anos 1990], havia muito pouca publicação. Eu comecei pelo lado contrário. O projeto foi todo movido por *Macunaíma* [de Mário de Andrade], a partir da influência que há neste livro das narrativas pemons coletadas por [Theodor] Koch-Grünberg. Também tentei achar processos paralelos a *Macunaíma* acontecendo em outros lugares e em outros momentos. Eu não tinha conhecimento, não tinha consciência do que os indígenas já estavam começando a fazer naquela altura. Hoje seria impossível fazer esse projeto sem pensar no que está sendo protagonizado pelos indígenas em si, por isso, acho que seria um outro projeto. Por exemplo, estou trabalhando em um artigo sobre as obras de Jaider Esbell e de Denilson Baniwa, dois grandes artistas indígenas contemporâneos, e a crítica que eles fazem à antropofagia. Ao mesmo tempo que fazem uma crítica extremamente contundente, são influenciados e admiram a antropofagia. Eles só podem fazer essa crítica do lugar deles como indígenas. Não estou querendo dizer que só há um lugar de fala possível, não é isto. Mas o tipo de crítica que eles fazem é uma crítica à cultura brasileira de quem está de fora, de quem pode se colocar de fora e como quem foi e continua sendo colonizado. Se eu fosse escrever sobre *Macunaíma* hoje, teria que incluir essa visão dos indígenas sobre as narrativas e sobre o que foi o movimento modernista. Quanto ao impacto das narrativas e das culturas indígenas na literatura, o que eu quis fazer nesse livro foi tentar sair daquela linguagem econômica, da literatura indígena como matéria-prima, que é depois reelaborada, e pensar nesses textos indígenas, entre outras coisas, como criação estética, na beleza e no prazer que aqueles escritores não indígenas souberam ver nesses textos. Mario Vargas Llosa, por exemplo, viu a beleza e o potencial imensamente criativos dos textos machiguengas.

**ACS: De que maneira o conhecimento dos textos indígenas pode contribuir para estreitar os laços entre culturas ancestrais e populações que, por imposição política e social, foram sendo desindianizadas?**

LS: A maneira de se pensar histórias, textos, canções indígenas – não só o que dizem, mas a forma de abordarem o mundo ao redor ou de se enxergarem dentro do mundo – pode nos ensinar muito. A esperança é que também sirvam para esse processo de reindianização, talvez, não sei... Há uma sofisticação muito grande em artistas como Jaider Esbell e Denilson Baniwa. Baniwa é de uma sofisticação teórica imensa, precisamente nessa questão, na forma como eles, enquanto artistas indígenas, podem se utilizar de gêneros, de formas, de instrumentos e, ao mesmo tempo, olhar para as suas próprias tradições de visualização, de experiências do mundo e reelaborar essas experiências, e repensar essas experiências. Os textos indígenas nos abrem uma janela diferente de olhar para o mundo. Mas pode ser algo

muito arrogante da minha parte dizer isto. Os indígenas estão aí fazendo as suas pesquisas também, vendo o que interessa para eles.

**ACS: De que forma a exposição às particularidades das culturas indígenas, observadas a partir dos seus próprios pontos de vista, não dos nossos, pode nos ajudar a enfrentar a crise ecológica que vivemos?**

LS: Assim como disse Ailton Krenak, um dos grandes intelectuais do Brasil de todos os tempos, numa entrevista recente, a monocultura – da agrícola à questão cultural – é ruim de todas as formas para o planeta. As múltiplas formas de se imaginar e estar no mundo são muito importantes para a manutenção da vida. O [Eduardo] Viveiros de Castro conseguiu compreender de forma brilhante essas diferenças filosóficas. Por exemplo, as narrativas do Alto Rio Negro começam quase todas, senão todas, com a história da criação. São várias histórias que convivem lado a lado. Ninguém ali está tentando convencer ninguém de que a sua história é a verdadeira. Há uma convivência natural entre aqueles que dizem ter vindo do buraco do rio e os que dizem ter vindo da cobra-canoa, por exemplo. O que não quer dizer que as comunidades vivam em paz o tempo todo ou que não haja relações hierárquicas. Nem todo mundo vive em paz e se respeita inteiramente, mas o que há é um reconhecimento dessas diferenças. Eu acho que essa incorporação da diferença, esse respeito pela diferença é uma das grandes lições que podemos aprender com as culturas indígenas. Mesmo a rivalidade, própria a toda cultura, é vista sem essa tentativa de eliminar a diferença, que é muito comum nas religiões monoteístas, com as consequências que estamos vendo. Então, olhar para as narrativas, para a forma como as histórias são contadas, para a forma como coexistem todos esses processos de criação do mundo é muito importante. Eu me lembro de um evento, em Minas Gerais, já depois dos desastres de Mariana e Brumadinho, em que o Davi Kopenawa falava, profundamente abalado, sobre o que a mineração está fazendo com os rios e as montanhas. Ele falava de como as montanhas estão ficando ocas, de como as achatam, cortam o topo delas. Para o Davi, é como se estivessem matando pessoas, ele estava quase chorando ao relatar tanta violência cometida contra as montanhas. Eu não posso dizer que a gente consiga desenvolver essa mesma relação, que tem a ver com os espíritos da floresta e com uma forma de habitar a floresta, mas esse modo de vida pode nos ensinar que há outras formas. Davi Kopenawa, por exemplo, não acredita na escrita, mas resolveu escrever, afinal, a única forma de nos fazer menos idiotas é nos ensinar através de meios que a gente conhece. Por isso, é importante conhecer outras formas de se relacionar com o mundo como no caso dessas sociedades xamânicas, onde pode se pensar em outras formas de vier junto com as coisas, com os animais, com as árvores, mas também com outras formas de contar histórias e de pensar o mundo, e sobretudo várias formas de combater a monocultura em todos os seus aspectos.

**ACS: Você tem trabalhado há pelo menos duas décadas com narrativas ameríndias e povos da floresta. Acha que houve um aumento de sensibilidade da academia para esse tipo de questões? É possível delinear as diferenças entre o universo acadêmico anglo-americano e o brasileiro?**

LS: A academia tem estado mais sensível a essas questões. Eu acho que é variável a diferença entre o contexto anglo-americano e o brasileiro. Por um lado, a tradição dos estudos culturais – sobretudo nos Estados Unidos mas na Inglaterra também –, especialmente a partir de questões raciais e de outras epistemologias, tem aberto o caminho. No Canadá, há coisas interessantíssimas vindo de estudiosos indígenas sobre questões epistemológicas acadêmicas, que incluem pensar em como mudar a academia por dentro. No Brasil, ainda que com todos os problemas de uma certa inflação ou inchaço da universidade na era Lula e Dilma, houve projetos muito interessantes. Projetos de universidades como a Unilab [Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira], por exemplo, abriram a possibilidade de se pensar em outros saberes e conhecimentos. Há um trabalho muito interessante acontecendo nesse sentido, voltado para outros saberes, para se pensar a academia de outras formas. Nos encontros que a gente fez na Bahia, os próprios estudantes universitários indígenas se mostraram extremamente conscientes – estavam nos ensinando, na verdade – do que é necessário fazer para se pensar a academia de outra forma. Isto é muito importante, essa presença indígena, assim como a dos quilombolas e do movimento negro na universidade brasileira. As cotas tiveram um papel muito grande nisto. Apesar de muito interessantes, muitos desses projetos universitários tinham sempre pouco dinheiro, poucas condições de se realizar, muitas vezes feitos sem grande planejamento ou com poucas verbas, e agora estão sendo completamente destruídos nesse horror pelo qual o Brasil está passando.

**ACS: No livro *Literatura da floresta*, você fala que os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), apesar de diminuir a distância entre ricos e pobres, pouco ajudaram a melhorar a vida dos povos indígenas. Você diz que sugestões de políticas econômicas mais criativas e visionárias têm sido em vão. Que políticas são estas? Os governos do PT falharam ou nunca tiveram vontade de atender a modelos econômicos alternativos?**

LS: Eu acho que são muitos PTs. O PT começou como um partido que angariou várias correntes que não se conheciam e não se compreendiam muito bem, como acontece com quase todos os partidos, na verdade. Nesse processo, a questão ambientalista foi jogada para escanteio, mas nada se compara ao horror que está acontecendo agora no Brasil – então, qualquer crítica que se faça hoje tem que ser feita nesses termos. O Lula [Luís Inácio Lula da Silva] teve uma votação muito

grande, tinha a confiança da população e é um político extremamente capaz de fazer coligações (para o bem e para o mal), e o Brasil tinha a ciência e a tecnologia necessárias para se investir em projetos muito mais ligados a uma revolução verde, que pudesse incluir os conhecimentos dos povos da floresta. Mas não foi o que os governos do PT decidiram fazer. Decidiram, por exemplo, investir estupidamente na plantação de cana-de-açúcar para combustíveis. É sempre a questão da monocultura. Substituir a monocultura por outra monocultura também faz parte do modo de pensar de uma esquerda tradicional ortodoxa, que pensa em termos econômicos, mas que não consegue pensar em termos culturais. Essa é uma crítica que se faz há décadas, é a cegueira da esquerda às questões culturais. A Dilma [Rousseff] seguiu com a construção de Belo Monte [usina hidrelétrica na bacia do rio Xingu, no Pará], por quê? É aquela teimosia de se pensar só no modelo econômico voltado para a exportação. Foram anos de governos que podiam ter feito algo melhor. Fizeram coisas muito bonitas, é verdade. Cada vez que eu voltava ao Brasil, eu me emocionava. Não havia mais crianças pedindo nos semáforos e o Bolsa Família foi um projeto brilhante, mesmo com todos os defeitos. Aqui na Inglaterra a imprensa de direita faz as mesmas críticas aos projetos de assistência social, mas na verdade não há como tirar uma imensa parcela da população da miséria, como a que existe no Brasil, sem um processo de ajuda assistencial. Se muita gente vai ficar viciada nesse processo assistencial? Vai. Mas é melhor isto do que as pessoas passando fome. O passo seguinte é tirar as pessoas desse processo assistencial, através de projetos de educação e de emprego. O Brasil daqueles tempos me emocionava, mas se falarmos das populações indígenas e do meio ambiente, não foi bom. Ninguém no Brasil governa sem o chamado “centrão”, e o Lula, sendo um político extremamente hábil, conseguiu levar o “centrão” para o lado que ele queria. Já a Dilma, era menos hábil, e também era outra a situação econômica do mundo no governo dela.

**ACS: Quanto ao atual governo brasileiro, você poderia nos dizer o que pensa a respeito da agenda pleiteada para o meio ambiente na gestão de Jair Bolsonaro?**

LS: Cada dia me surpreende mais o quão horrível esse governo é. Eu cheguei no Brasil no dia da eleição do primeiro turno e a minha sensação era a de que havia uma loucura coletiva acontecendo naquele momento. Havia um ódio irracional ao PT. Não que não houvesse problemas, eu mesma era muito crítica ao PT, mas também fui completamente contra o processo de *impeachment* da Dilma, que era uma presidente eleita, embora fosse um governo do qual eu não gostasse. Mas aquele ódio irracional ao PT ia muito além disso, a loucura coletiva estava aí. Eu tentei discutir com várias pessoas... Por que elas acreditam que o Bolsonaro não é corrupto, um sujeito que está no “centrão” há trinta anos? Eu não conseguia entender o porquê de acharem que ele era novo na política, eu não entendia isto.

Não imaginei nunca que ele fosse ganhar, que as pessoas pudessem votar numa figura que nunca foi a um debate, ninguém sabia quais eram as propostas dele. As pessoas votaram nele sem saberem quem ele era e ele sabia muito bem que se participasse do debate não iria ganhar as eleições, porque ele não se controla. Eu sabia – e muita gente sabia – que ele é racista, homofóbico, que defende a ditadura e a tortura, horrivelmente machista, que faz parte do baixo clero na política do “centrão”. O que eu não esperava era o desejo de sair destruindo tudo. Esse grupo parece que está aí para destruir tudo realmente. Eles estão usando parte do exemplo do Trump, que é a criação de anti-ministérios: um Ministério do Trabalho que, na verdade, é contra leis trabalhistas, ou um Ministério do Meio Ambiente que é contra as leis de proteção ao meio ambiente. Assim, vão destruindo as instituições não só criadas pelo PT, mas que tem uma tradição maior. Estão indo muito além do que eu esperava. Além disso, há uma incompetência muito grande, eles são muito ruins em tudo o que fazem. Para os povos indígenas, está sendo um horror. Essa última declaração do Ricardo Salles (ministro do meio ambiente), afirmando que é preciso aproveitar este momento em que a imprensa está focada na pandemia para deixar a “boiada” passar, deixa muito claro que aquilo que eu chamo de destruição se trata de um projeto. Esse ódio que o Bolsonaro sempre teve às populações indígenas não é simplesmente um odiazinho folclórico, ele faz parte de um projeto mesmo. Quando o Bolsonaro disse na campanha que, se dependesse dele, os indígenas não teriam mais um centímetro de terra demarcada, ele estava falando sério. Mesmo com toda essa incompetência, ele está conseguindo implementar esse projeto de destruição das populações indígenas. É horrível. A gente tem que resistir a isto de todas as formas possíveis.

**ACS: Pode nos falar um pouco dessas formas de resistência?**

LS: Eu acho que há formas de resistência das mais variadas. Acho também que é muito importante o legado que foi deixado por essa abertura das universidades para os estudantes indígenas, quilombolas, negros etc. Além disso, o movimento negro e o movimento LGBT se fortaleceram muito na última década. Não vão calar essas pessoas. A consciência do horror que está sendo esse governo está ganhando forma. Um bom exemplo de formas de resistência é a maneira muito rápida com que o Acampamento Terra Livre (ATL) foi virtualmente organizado este ano. Ele é organizado todos os anos em Brasília, onde várias lideranças, intelectuais, artistas e estudantes indígenas de vários lugares do Brasil se encontram. Essa rapidez na organização do evento foi incrível. Eu acho que há um momento de base acontecendo que é muito importante.

**ACS: A revolução tecnológica dos meios de comunicação no século XXI, com a popularização dos *smartphones* e a melhoria das conexões de rede, por exemplo, tem contribuído para que os povos da floresta ganhem cada vez mais voz e se organizem melhor?**

LS: Sem dúvida alguma. Eles estão muito, muito, muito conectados, a par e por dentro das tecnologias. São publicadas várias coisas no Instagram e no Facebook quase todo dia. É muito interessante acompanhar o que esses artistas indígenas vêm fazendo, o Jaider Esbell, o Denilson Baniwa, a Arissana Pataxó, a Daiara Tukano... A Sônia Guajajara, na APIB [Articulação dos Povos Indígenas do Brasil], por exemplo, é muito rápida. Com as novas tecnologias, a gente tem uma fábrica de *fake news*, que ajudou a eleger o Bolsonaro e o Trump, mas também a gente tem esse outro lado. Tantas tecnologias que supostamente nos libertariam acabaram virando também mecanismos de opressão porque são utilizadas politicamente. Mas eu acho que, sem dúvida, essas novas tecnologias têm sido muito importantes para os artistas, intelectuais, ativistas indígenas, como formas de conexão entre eles também.

**ACS: Há uma muita coisa acontecendo que podemos acompanhar nas redes.**

LS: Sim, tem muita coisa. Por exemplo, o hip hop indígena é muito interessante, é uma coisa mais urbana. Tanto nos Matos Grossos quanto em São Paulo, como no Rio de Janeiro. A questão territorial espacial tão importante no hip hop de Los Angeles ou da região de Oakland, essa questão espacial fortíssima, se traduz de outras formas ao se falar guarani e outras línguas indígenas. Há aqui uma discussão espacial – hip hop é espaço – que tem tudo a ver com os problemas de território na questão indígena.

**ACS: Você tem trabalhado nos últimos tempos definindo e caracterizando o racismo contra as populações indígenas. Poderia nos falar um pouco mais sobre esse projeto?**

LS: A pressão por financiamento na Inglaterra é muito grande e havia uma chamada da *Arts and Humanities Research Council* para a criação de uma rede de pesquisa que teria que envolver outras universidades, mas cujo resultado não precisava ser um produto acadêmico. Foi assim que pensei em criar um espaço para que indígenas de vários lugares do Brasil pudessem se reunir. Pensei no racismo porque, na época, há quatro anos, quando comecei a esboçar o projeto, havia saído duas notícias, mais ou menos na mesma altura, que me chamaram a atenção. Uma delas se referia a uma região de alto conflito, o território dos Guarani-Kaiowás, no Mato Grosso do Sul. A notícia falava sobre técnicas usadas para atacar os indígenas, e uma delas era sair à noite com a cabeça coberta e incendiar casas ou mesmo aldeias. Isto me

lembrou a Ku Klux Klan, que utiliza técnicas semelhantes. A outra notícia se referia a uma família indígena, no Tocantins, que foi expulsa de um ônibus porque outros passageiros não queriam viajar com aqueles “índios sujos”. Muitas vezes a gente ouve que o que diferencia o racismo no Brasil é a ausência de segregação espacial, mas ali estava um exemplo dessa segregação espacial muito claro. Na literatura sobre as questões indígenas ainda se usa muito pouco o termo racismo, então a minha ideia era tentar discutir nesse sentido. Aí eu fui para o Brasil, conversei com alguns pesquisadores e, no geral, no primeiro momento, não fui muito bem recebida, não. Eu não sou a primeira pessoa trabalhando com esse tema, tem muita gente competente trabalhando com isso também. Mas, naquele momento, procurei parcerias com antropólogos e muitos achavam que usar o termo racismo não iria contribuir para as questões indígenas. Foi quando apareceu o Felipe Milanez [da UFBA], que está muito ligado ao movimento indígena, conhece muita gente. Juntos, criamos esse projeto [“Racismo e Anti-racismo no Brasil: o caso dos povos indígenas”] com grande entusiasmo e eu conheci a arte indígena contemporânea. Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Arissana Pataxó... Eu continuo completamente embasbacada com o que esses artistas estão fazendo. Eu acho que, em termos de arte no Brasil, eles estão entre os melhores, ponto.

**ACS: Por que há essa hesitação acadêmica no uso do termo racismo para se trabalhar com questões indígenas?**

LS: Há toda uma tradição, não só no Brasil mas na América Latina em geral, de se olhar a questão indígena como uma questão de cultura e a questão dos descendentes africanos como uma questão de raça. Essa tradição acadêmica é muito complicada. Metodologicamente, quando olhavam para o meu projeto, havia um certo receio de que o discurso acabasse reduzindo a questão indígena a uma questão racial, mas nunca foi essa a ideia. A raça, que não é uma realidade biológica, não deixa de ser uma construção extremamente importante. A questão não é analisar tudo através desse enfoque, mas é pensar no racismo como o crime que é, era isto que eu queria que se discutisse. E foi interessante observar que as lideranças, artistas e intelectuais indígenas não tiveram nenhum problema em discutir sobre o racismo – assim, com esse termo, que não está muito bem colocado na literatura. Como a gente não tinha que produzir artigos – embora tivéssemos acabado por produzir, mas não era obrigatório criar produtos acadêmicos –, a gente teve muita liberdade para deixar que as discussões fossem organizadas pelas lideranças intelectuais indígenas.

**ACS: Quais projetos você tem atualmente em curso ou planejados?**

LS: Daquele projeto surgiu outro, “Cultures of Anti-Racism in Latin America”, no qual estou envolvida agora, com Peter Wade, da Universidade de Manchester, que

é antropólogo e trabalha muito com questões raciais na América Latina. No projeto, ele trabalha com a Colômbia, Ignacio Aguiló (da Universidade de Manchester também) com a Argentina e eu com o Brasil. O objetivo é pensar quais as estratégias, inclusive afetivas, que a produção cultural (as artes plásticas, o cinema, a literatura, a música) usa para combater o racismo. No caso do Brasil, o enfoque é a população indígena, o que não é comum em projetos dessa dimensão. No nosso caso, por escolha minha, na época em que estava desenhando o projeto, resolvi me concentrar na questão indígena não porque seja a mais importante, mas porque é um aspecto do racismo e do antirracismo que tem sido muito pouco examinado. A minha sensação é que se a gente ampliasse – e tem tido bastante pressão para ampliar –, a gente perderia o enfoque. Essa é uma grande oportunidade de olhar especificamente para essa questão, mas é claro que é necessário continuar olhando para outras manifestações de racismo. Esse projeto começou em janeiro e, logo depois, veio a pandemia. Por isso, se tornou um projeto um tanto também sobre este momento que estamos vivendo.

### **ACS: Como esse cenário da pandemia passou a fazer parte do projeto?**

LS: Eu e a minha assistente íamos participar de festivais de literatura, de cinema, conversar com artistas, ir a galerias acompanhar processos de curadoria e exposições indígenas etc. Esse trabalho de campo iria durar um ano, depois voltaríamos para a Inglaterra e nos encontraríamos com os outros integrantes do projeto. No entanto, com a pandemia, não fomos a lugar nenhum e os nossos encontros passaram a ser virtuais. O curioso é que começamos a fazer pesquisa virtual e vimos que há muita coisa acontecendo na literatura, arte contemporânea, música e mesmo cinema indígenas, o que não falta é material. Mas, em termos práticos, o projeto teve que ser modificado por causa da pandemia. Além disso, estamos acompanhando o drama da difusão do Covid-19 nas comunidades indígenas, as lideranças e intelectuais seguem falando sobre isto. A pandemia está chegando muito forte na Amazônia e não há preparo ou plano, aliás, para o Brasil como um todo não há plano algum, um país que tem uma história impressionante de combate a epidemias... Com a grande infraestrutura que o exército brasileiro tem na Amazônia, se a gente tivesse um governo, poderiam ter sido criados hospitais de campanha, por exemplo, nas regiões onde potencialmente há populações mais vulneráveis a esse vírus, mas não se fez nada. O vírus chegou entre os tukanos no Alto Rio Negro, e para lá chegar com o tratamento é preciso percorrer uma distância imensa. Quando são levados para Manaus, há o preconceito das populações locais contra os indígenas contaminados, e por isso muitos deles estão com medo de dizer que estão com Covid. São coisas muito dolorosas que estão acontecendo. Então, é impossível pensar em manifestação cultural e antirracismo neste momento sem olhar para o que está acontecendo.

**ACS: O debate sobre as missões de evangelização também faz parte do seu projeto?**

LS: É muito complicado o ataque à religiosidade indígena por parte sobretudo dos evangélicos, mas não só, de linhas da religião católica também. Certamente uma das formas de racismo é a falta de respeito pela religiosidade indígena. Claro que várias lideranças e muitos intelectuais com os quais a gente trabalha são evangélicos, e nem por isso são menos indígenas, não é essa a questão. Mas acho que a presença mais assustadora do momento é a presença evangélica, que se dá de uma forma profundamente racista. A falta de respeito aos pajés, a demonização da espiritualidade indígena e das práticas de cura foram apontadas o tempo todo naquelas discussões como um dos elementos de violência contra as culturas indígenas.

**ACS: A questão da evangelização é muito difícil de se analisar. São catástrofes sobre catástrofes, desde o século XVI.**

LS: Eu dou um curso sobre a Amazônia e faço os alunos lerem *Maira*, de Darcy Ribeiro, que continuo achando um romance muito bonito. Há problemas ali, é um romance de 1976, mas é um livro que faz um apanhado daquele momento histórico, e por isso é muito interessante para os alunos de graduação estrangeiros. A forma como Darcy analisa a questão da evangelização é muito interessante. Por um lado, para ele, a conversão é impossível. Ele repete o diálogo entre os jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta através dos personagens padres italianos que cria em seu romance. Darcy mostra a impossibilidade da verdadeira conversão dos indígenas – o que ele diz é que há, na verdade, uma aceitação de elementos, mas que não convertem mesmo. Por outro lado, ele é muito pessimista quanto ao que iria acontecer. Basta ver o que está acontecendo agora: missionários estão tentando entrar em contato forçado com grupos que escolheram o isolamento. Se a gente tivesse um governo, seria uma questão de ação... Isso é de uma violência muito grande e a Funai [Fundação Nacional do Índio] está fazendo muito pouco. São os próprios indígenas que tentam proteger o tempo todo os grupos isolados, tentando alertar a polícia, a Funai e outras organizações sobre aquilo que está acontecendo lá. É de uma violência muito grande.

**ACS: A Funai deveria servir como um tampão entre a união federal e essas sociedades contra o estado, que representam outra dimensão, servindo para mediar esse espaço de segurança entre eles. Acontece que, sob a perspectiva desenvolvimentista que determina o modelo político e econômico do país, é preferível transformar o indígena em pobre.**

LS: A Funai agora escancarou completamente. A Funai tinha esse papel de tampão. Havia várias Funais, na verdade, com funcionários altamente dedicados em locais específicos e outros não, que trabalhavam com os grileiros. Mas havia esse papel oficial da instituição, enquanto mediadora que tentava manter a ideia de que havia planejamento. Na ditadura, o plano para as populações indígenas era a integração. Depois, começou a se pensar de outras formas – avançadas, progressistas, digamos assim. O reconhecimento do direito desses povos de escolherem a maneira como querem viver, as formas de contato que querem com as culturas não indígenas. Mas, agora, perdeu-se a vergonha. Esse governo é sem vergonha, literalmente. Não há vergonha.

**ACS: Se tivesse que recomendar alguns livros sobre as florestas e os seus povos, bem como obras escritas pelos povos da floresta, quais seriam?**

LS: Eu acho que o grande livro de todos os tempos é *A queda do céu* [de Davi Kopenawa]. É um livro que mudou muito a forma como nós, brasileiros, e não brasileiros olhamos não só para a relação dos povos indígenas com a floresta, mas dos seres humanos e não humanos com a floresta. Talvez a área mais interessante, não a mais importante, para mim, é precisamente a de pensadores como o Ailton Krenak, que nos ensina a pensar de outra forma. Vale muito a pena ler as entrevistas dele. Os textos teóricos que Denilson Baniwa publica com as obras dele são interessantíssimos, por exemplo, e também o trabalho de Jaider Esbell. Eu estou tentando ouvir o que os pensadores indígenas estão falando, olhar para o que eles e elas estão falando. A Julie Dorico tem publicado livros sobre literaturas indígenas que têm textos interessantes. Também acho que há muita coisa que não está na forma de livro. São entrevistas ou textos no Instagram, coisas assim. A gente tem que se abrir para isso, assistir aos vídeos, ver as entrevistas. Há muita coisa ainda esperando para ser publicada em forma escrita e que está lá ainda viva, sendo dita.

SÁ, A C. de. From the point of view of the forest: an interview with Lúcia Sá. **Itinerários**, Araraquara, n. 51, p. 181-193, 2020.

- **ABSTRACT:** *Lúcia Sá is a full professor of Brazilian Studies at the University of Manchester (United Kingdom), having previously taught at Stanford University (United States), Mackenzie University (São Paulo), and Pontifical Catholic University (São Paulo). She was also a visiting professor at the University of São Paulo, ENAH (Mexico), University of Lisbon (Portugal), New College of California, and Oberlin College (United States). She is the author of Life in the megalopolis: Mexico City and São Paulo (Routledge, 2007) and Literaturas da floresta – textos amazônicos e cultura latino-americana (Editora da UERJ, 2012, Brazilian edition of Rain Forest Literatures:*

Amazonian Texts and Latin American Culture, *University of Minnesota Press*, 2004). A significant part of her work focuses on the cultural production of the Amerindian traditions of the Amazon Rainforest and the plains of South America. *Literaturas da floresta – textos amazônicos e cultura latino-americana* helps us to understand how indigenous texts were appropriated by Brazilian and Latin American writers from the 19th and 20th centuries, drawing attention to possibilities of analysis still little explored by literary and cultural criticism.

